



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TRANSIÇÕES METODOLÓGICAS AO LONGO DA HISTÓRIA

SOUZA, Paloma Silva; ARAÚJO, Pablo Camilo de; SOUTO, Carlos Alberto Marinho de; ROCHA, Jéssica Sonaly da Costa; DUARTE, Lenilda Pessoa de Azevedo; SILVA, Raul Pereira da;

FORMIGA, Daniel Bruno da Silva; GONZAGA, Jozilma de Medeiros.

Universidade Estadual da Paraíba

souza.p.s@hotmail.com; pablocamilo@live.com; karlinhosouto@hotmail.com; jsdacrl@gmail.com;
lenildapad@hotmail.com; raulprsilva1@hotmail.com; dadi_shalom@hotmail.com; jozilmam@uol.com.br.

RESUMO: Sabemos que a Educação Física em muitas escolas do nosso país, ainda não é tratada com a importância que deveria ter. Muito se deve ao fato de suas correntes apontarem para um lado totalmente diretivo, seja esportivizado ou militarizado desde suas origens. Situação que aos poucos vem sendo desconstruída pelo compromisso que muitos educadores têm aliado a propostas renovadoras que surgiram ao longo dos séculos. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo, analisar e discutir a Educação Física escolar e suas transições metodológicas ao longo da história. Para a compreensão da situação atual em que a mesma se encontra, e identificar até que ponto a Educação Física do século XIX ainda estar fortemente presente nas aulas mesmo com todas as modificações ocorridas.

Para se entender as transições que a Educação Física passou ao longo dos séculos em nosso país, precisamos conhecer um pouco do contexto histórico. A implementação da Educação Física no currículo escolar veio junto com a Família Real Portuguesa, ao instalar-se no Brasil em 1808, esta que estabeleceu novas formas de dominação, iniciando um processo de desenvolvimento cultural com tendências elitizantes. A fase imperial revela tentativas de organização de um sistema educacional inexistente na época. A partir de então, algumas reformas educacionais tentaram minimizar o verdadeiro caos em que se encontrava a educação brasileira.

O Ginásio Nacional, criado em 1837 como instituição-modelo, incluiu a ginástica (Educação Física) em seus currículos. Em 1851, teve início a legislação que tornou obrigatória a prática da ginástica nas escolas primárias do município da corte, isto é, o Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 1999). Sendo assim, a presença da Educação Física nas práticas escolares no Brasil, remonta o século XIX, e,

desde então, ela experimenta um processo permanente de enraizamento escolar. No final do Império, o ministro recomendou a utilização do método de ginástica alemã para os estabelecimentos de ensino, principalmente, para o Colégio Pedro II. Esse método vinha sendo oficialmente aplicado no Exército Brasileiro desde 1860 e, por isso, sua adoção nos meios escolares provocou reações por parte daqueles que viam a Educação Física como elemento da educação e, não, como um mero instrumento para adestramento físico (MACIEIRA et al, 2012).

O método de ginástica Alemã sugerido pelo ministro brasileiro consistia em atividades de jogos de peteca, de bola, de pelotas e pinos, corridas, natação, entre outros. Segundo Bregolato (2008), nessas instituições, Johann Cristoph Friedrich Guts Muths (1759 – 1839) iniciou a ginástica pedagógica, que se originou da “ginástica natural” ou “método natural”. De acordo com Hébert, o método natural deduz uma série de 10 grupos de exercícios: 1- marcha; 2- corrida; 3- salto; 4- quadrupedia; 5- trepar; 6- equilíbrio; 7- lançamentos; 8- transporte; 9- defesa; 10- natação. Esses 10 gêneros de exercícios, ou “atos naturais”, podem ser utilizados em sua forma.

Torna-se necessário apresentar que os muitos problemas vividos nas décadas seguintes à Proclamação da República fortaleceram a ideia de que a construção de uma nação e um Estado próspero dependia, em grande parte, da educação intelectual, moral e física do povo (VAGO, 1999).

Existia uma metodologia de ensino totalmente reprovável, pois, tratavam a Educação Física de uma forma militarista, objetivando o desenvolvimento físico dos alunos, principalmente os meninos, por eles estarem sendo preparados para atuar na guerra, excluindo assim o teor pedagógico que na Educação Física poderia ser transmitido. Com relação a isso o COLETIVO DE AUTORES (2009) reforça a ideia quando afirma que havia característica de um modelo militarista em vigor, os objetivos da Educação Física na Escola eram vinculados à formação de uma geração capaz de suportar o combate, a luta, para atuar na guerra, por isso era importante selecionar os indivíduos “perfeitos” fisicamente, excluir os incapacitados, contribuindo para uma maximização da força e do poderio da população.

Torna-se importante frisar que além deste modelo militarista existia uma concepção dominante de caráter higienista, onde preservava a importância em hábitos saudáveis para o desenvolvimento do corpo. Esta concepção teve maior conotação a partir da década de 1930 no qual DARIDO (2003) diz que a preocupação central do higienismo é com hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento do físico e da moral, a partir do exercício.

Devemos saber que tanto a concepção militarista quanto a higienista tratavam da Educação Física como disciplina totalmente prática, ou seja, não necessitava de uma fundamentação teórica, algo



que é totalmente equivocado, pois, sabemos que aquele que pratica pensa, e o pensa para depois praticar. Por esta ideia equivocada não havia distinção entre Educação Física e instrução física militar, algo que limitava suas funcionalidades na época.

Para desconstruir esse pensamento limitado da Educação Física, após a segunda guerra, surgiu um modelo de educação pedagógico para a mesma. Era uma proposta ótima, porém, ficou apenas no desejo, já que a prática do ensino continuava sob as características militares. Neste enfoque GHIRALDELLI JR (1988) mostra que apesar da adoção da concepção pedagógica, não houve um abandono na prática de uma Educação Física comprometida com uma organização didática ainda sobre parâmetros militaristas.

Surgiram também outras tendências disputando a supremacia no interior da instituição escolar. Com relação a essas tendências, em determinada predominava a influência do esporte na escola. Algo que gerou grandes problemas na relação dos alunos com os professores, pois, o esporte era tratado como formador de atletas, quem se destaca em determinada modalidade ia ser olhado com mais carinho pelo professor, já aquele aluno que não tinha bom desempenho técnico ou mesmo um corpo que não ajudasse nas práticas, automaticamente seria excluído por não ter como apresentar resultados positivos nas competições. O esporte determina dessa forma, o conteúdo de ensino da Educação Física, estabelecendo também novas relações entre o professor e o aluno, que passam da relação professor-instrutor e aluno-recruta para a de professor-treinador e aluno-atleta. Não há diferença entre o professor e o treinador, pois os professores são contratados pelo seu desempenho na atividade desportiva (COLETIVO DE AUTORES, 2009).

Situação que gerou constrangimento principalmente para os alunos desprovidos de uma maior qualidade esportiva, mas, sabemos que a proposta correta não era de trazer o esporte para a escola, e sim, apresentar o esporte da escola. Este último, que possibilitaria a participação de todos os alunos nas aulas para que eles fossem descobrindo e vivenciando cada esporte, independente de qualidades técnicas ou físicas, desta forma seria eliminada a exclusão nas aulas.

A concepção esportivista na escola durou algumas décadas se mantendo de forma hegemônica porém a partir da década de 1980, DARIDO (2003) afirma que o modelo esportivista passa a ser muito criticado pelos meios acadêmicos. Com isso abriu espaço para surgirem metodologias renovadoras, se destacando a abordagem crítico-superadora. Esta que trata pedagogicamente de um conhecimento denominado *cultura corporal*. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem, para isso, utiliza o jogo, o esporte, a dança, as lutas, a ginástica e outros conteúdos como suporte (COLETIVO DE AUTORES, 2009). Sendo assim, a Educação Física consegue se desprender de uma condicionante totalmente prática e consegue apresentar sua

importância em trabalhar a teoria. Nesta perspectiva crítico-superadora o aluno consegue fazer uma leitura crítica da realidade, o que contribui para o seu desenvolvimento como cidadão conhecedor das suas possibilidades e transformador do mundo em que habita. Assim podemos perceber que esta renovação metodológica realça a verdadeira importância da Educação Física na escola, que até então era vista com desprezo pela maioria da população por desconhecer seu verdadeiro objeto de estudo, e a tinha apenas como formadora de atletas, no qual não se precisava pensar e criticar, apenas era necessário fazer.

Partindo desse pressuposto, realizamos esta discussão no grupo de bolsistas do PIBID na escola E.E.E.M.F Félix Araújo, com a mediação e orientação do professor supervisor. Como material para análise, os bolsistas descreveram em uma planilha as memórias da educação física escolar (seu contexto histórico), as experiências enquanto alunos da educação básica e a realidade atual da escola na condição de graduandos, preenchendo então os tópicos da planilha: Objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação na Educação Física, respectivos para cada período cronológico citado acima. Posteriormente, analisamos as planilhas preenchidas pelo grupo, desenvolvendo uma discussão comparativa entre as respostas que foram obtidas nas planilhas e o texto “Início e fim do século XX: Maneiras de fazer Educação Física na escola” de VAGO, T. M (1999), sendo este tratado como objeto de análise do estudo.

Mediante a proposta apresentada, ao compararmos as experiências coletadas obtivemos como resultados dados igualitários, onde mostravam que, nas aulas de Educação Física em sua época de aluno da educação básica o professor apenas resumia a aula em um específico desporto, sendo este o futebol/futsal, ou ainda mais grave, apenas era disponibilizado uma bola qualquer para uso livre do aluno, no âmbito da graduação, notavelmente já observa-se que a Educação Física está direcionada para o que prevê os PCN's e a LDB. Encontramos como empecilho para ser executada na sua totalidade, a negligência de professores que não estão interessados a nova realidade da Educação Física, além do descaso advindo da classe dos servidores públicos da educação.

Decorrente ao que foi analisado e discutido, concluímos que a Educação Física vem se modificando, e que essa modificação requer esforço dos profissionais em atuação e os que estão na graduação, dando continuidade ao processo que vem se desenvolvendo ao longo da história. Observando minuciosamente a falta de interesse dos próprios profissionais da área, na busca do espaço dentro da escola, que não seja apenas a quadra, e envolver-se de fato no que diz respeito ao ensino propriamente dito, para aplicação devida e prevista da Educação Física escolar, onde esta avance para além de uma disciplina complementar e desacreditada, e constitua-se efetivamente como uma disciplina de relevância dentro do ambiente escolar, visando sua importância na



contribuição da formação de cidadãos.

Palavras-chave: Educação Física; PIBID; Transições Metodológicas.

REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez. 1992.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **Educação Física progressista. A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1989.

MACIEIRA, Jeimison de Araújo; CUNHA, Fernando José de Paula Cunha; XAVIER NETO, Lauro Pires (Org.). **Livro didático público: Educação Física**. João Pessoa: UFPB, 2012, 95 p.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **O que é Educação Física**. Ed. Brasiliense, 11^a edição, 1999.

VAGO, T. M. **Início e fim do século XX: Maneiras de fazer educação física na escola**. Caderno Cedes, vol.19, nº 48, 1999.